

Infância e fotografia: (re)significações de crianças pequenas no contexto escolar

Manuela Azevêdo Queiroz¹
Maria Silvia Pinto de Moura Librandi da Rocha²

Resumo

Trata-se de pesquisa em andamento, fundamentada na teoria histórico-cultural, com intuito de investigar como recursos digitais podem contribuir para (re)significações produzidas pelas crianças sobre suas experiências escolares. Os participantes são crianças de 4 a 7 anos de idade, pertencentes a uma turma de Educação Infantil (EI) e uma turma de primeiro ano do Ensino Fundamental (EF), de duas escolas públicas municipais, situadas em Campinas-SP. Os procedimentos utilizados foram: observações (vídeofilmadas); atividade com um *tablet* (manuseado pelas crianças com o auxílio da pesquisadora), na qual os alunos puderam se deslocar pela escola, organizados em pequenos grupos, fotografando aquilo de que mais gostam no contexto escolar; e entrevista com os participantes. As análises evidenciaram possibilidades de compreender a relação das crianças com o *tablet*, a apropriação que fizeram dos recursos fotográficos disponíveis na ferramenta e contribuições do uso deste instrumento para (re)significações de crianças pequenas no contexto escolar.

Palavras-chave: Teoria histórico-cultural; Tecnologias digitais; Fotografia; Educação infantil; Ensino fundamental.

1. Introdução

A utilização de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) por crianças de quatro a sete anos de idade tem se tornado cada vez mais frequente nos diversos espaços que compõem suas vivências e muito se tem questionado sobre os benefícios e/ou prejuízos a respeito deste uso. Em meio a tantas controvérsias, pesquisadores têm buscado esclarecer essas incertezas desenvolvendo pesquisas científicas com a finalidade de compreender os modos de apropriação de recursos digitais por crianças pequenas e suas possíveis implicações no contexto escolar.

Ao desenvolver pesquisa sobre o uso de tecnologias digitais por crianças de 0 a 6 anos de idade, Tena, Gutiérrez e Cejudo (2019) explicam que a preocupação com a vulnerabilidade das crianças diante de tantos dispositivos tem motivado a realização de pesquisas que objetivam determinar em que ponto essa problemática deve ser enfrentada. As autoras afirmam que não há achados que possam nos dar uma resposta

¹ Pontifícia Universidade Católica de Campinas - msilvia@puc-campinas.edu.br

² Pontifícia Universidade Católica de Campinas - manuelaak@yahoo.com.br

definitiva, mas alertam que sua investigação constatou que muitas começam a acessar TDIC e utilizá-las a partir dos 2 anos de idade (Idem, 2019).

Em consonância, Santos et al. (2020) entendem que na sociedade atual não há como negar às crianças o acesso as tecnologias digitais; contudo, o monitoramento pelos pais e/ou responsáveis faz-se necessário tanto para potencializar o desenvolvimento da criança, quanto para impedir ou minimizar possíveis riscos. A este respeito, Chacón, Reguerio e Alonso (2022) explicam que com o surgimento das tecnologias de toque, as crianças acessam e navegam na internet cada vez mais cedo. Utilizando-as regularmente, suas aprendizagens percorrem um caminho perigoso de tentativas e erros, aumentando o risco de acesso a conteúdos inapropriados ao assistirem, por exemplo, a vídeos no YouTube sem acompanhamento de um adulto, desse modo, ficando expostas a algoritmos de recomendação.

Nesse sentido, Anjos e Francisco (2021) alertam sobre a importância da mediação parental na utilização de tecnologias por crianças e afirmam que, para o uso responsável, é necessário “acompanhamento e supervisão, com controle de tempo de exposição às telas por parte de pais/mães e cuidadorxs” (p. 130). Em concordância, Brito (2018, p. 40) assegura que “os pais desempenham um papel crucial na promoção e maximização do uso saudável de tecnologias pelos seus filhos”.

Com relação às transformações nos contextos educacionais, pesquisas recentes sinalizam uma maior aceitação das TDIC entre os profissionais da área. Ao realizarem um estudo com alunos de licenciatura em EI e crianças da EI, no qual os estudantes universitários tiveram que elaborar um projeto de contação de histórias por meio de vídeos, com temas propostos pelas crianças, Sánchez-Vera, Solano-Fernández e Recio-Caride (2019) constataram que os futuros professores envolvidos na investigação classificaram a experiência como positiva e muito enriquecedora tanto para eles, quanto para os alunos da EI, que tiveram a oportunidade de desenvolverem uma aprendizagem mais contextualizada e significativa. Os resultados ainda revelaram que o uso da narrativa integrado a experiências educacionais envolvendo TDIC favorece o desenvolvimento de competências digitais, criatividade, habilidades linguísticas e comunicacionais, além de trabalho colaborativo no âmbito de projetos telecolaborativos.

Nesse cenário, Nunes et al. (2021), ao desenvolverem uma oficina em sua investigação, com a finalidade de proporcionar às crianças a imersão em narrativas

literárias digitais, por meio de *tablets* e *smartphones*, concluíram que o letramento digital é fundamental no processo de compreensão do uso de TDIC para a formação de leitores. Esses autores também reiteram que tais narrativas não só potencializam competências e habilidades cognitivas, como também reinventam as aprendizagens infantis em uma cultura demarcada por dispositivos narratológicos digitais.

Todavia, para que se possam aproveitar as vantagens oferecidas pelas TDIC na sala de aula, os professores precisam de formação adequada em competências digitais, de preferência, iniciada nos cursos de licenciatura, de modo que os estudantes saiam da universidade minimamente capacitados quanto ao uso técnico e consciente das TDIC (Jiménez et al. 2019). E no caso daqueles que não foram capacitados na formação inicial, é primordial que sejam em formações continuadas (Carvalho et al., 2018).

No que concerne ao uso de TDIC por docentes, Tena, Cejudo e Rodríguez (2021) frisam que pesquisas realizadas durante à pandemia da Covid 19 revelaram que “os estudantes não são tão competentes na utilização das tecnologias aplicadas à sua formação como se supunha anteriormente, uma vez que utilizam um número limitado delas, e as que utilizam são mais para lazer do que para atividades de formação” (Idem, p. 111). Em razão disso, os investigadores também advertem sobre o uso inadequado do termo “nativos digitais”, sugerindo sua troca para “especialistas de rotina”, visto que os estudantes “sabem usar as tecnologias, mas não sabem fazê-lo de forma inteligente, nem são tão competentes em seu uso quanto se poderia esperar” (Idem, p. 111).

Pensando em todas essas questões, de modo especial nas possíveis atribuições que as TDIC podem oferecer no ensino e na aprendizagem de crianças pequenas, desenvolvemos uma pesquisa que tem como objetivo investigar como recursos digitais podem contribuir para (re)significações produzidas pelas crianças sobre suas experiências escolares. A seguir, apresentaremos o método utilizado.

2. Metodologia

Trata-se de pesquisa fundamentada na teoria Histórico-Cultural, desenvolvida com crianças de 4 a 7 anos de idade, pertencentes a uma turma de Educação Infantil e uma turma de primeiro ano do Ensino Fundamental, de duas escolas públicas municipais, situadas em Campinas-SP. Os procedimentos utilizados foram: observações

(vídeofilmadas), atividade com um *tablet* (desenvolvida em três etapas descritas a seguir) e conversa com os participantes.

Na primeira etapa, realizada de setembro a novembro de 2023, as crianças da turma de EI, juntamente com a pesquisadora, saíram pela escola, organizadas em pequenos grupos com três a quatro integrantes, para fotografar aquilo de que mais gostam no contexto escolar. Cada criança teve oportunidade de produzir seu próprio material, sem limite quantitativo, dispondo do *tablet* por tempo suficiente para o cumprimento da atividade.

Na segunda etapa, as crianças foram convidadas a selecionar, dentre as fotos que produziram, aquelas de que mais gostaram. O processo de escolha das fotos possibilitou que as crianças falassem a respeito de suas preferências e/ou de suas observações. A pesquisadora buscou identificar as estratégias e critérios utilizados pelos participantes não somente no momento da produção, como também no da seleção.

A terceira etapa consistiu na ida da pesquisadora a uma escola de EF, no ano de 2024, situada ao lado do Centro de Educação Infantil (CEI) pesquisado, para repetição das duas primeiras etapas com quatro crianças que participaram da pesquisa no ano anterior, mas também incluindo toda a turma de primeiro ano. O propósito da ida a essa escola foi produzir, juntamente com as crianças, um novo material, com o objetivo de averiguar como os participantes do estudo estavam percebendo o novo espaço, quais eram as vivências no novo contexto e como estavam se sentindo em relação às mudanças ocorridas no processo de transição. Observamos ainda se e como o ambiente da nova escola, em nova etapa educacional afetou suas preferências quanto a espaços, atividades e/ou cenas preferidas.

3. Resultados e discussões

As análises evidenciaram quatro relações, sistematizadas em eixos, a partir do material produzido junto com as crianças, a saber: (i) Relação da criança com o *tablet*; (ii) Relação da criança com a Pesquisadora; (iii) Relação da criança com os colegas; (iv) Relação da criança com a escola. Para este trabalho realizaremos um recorte do segundo e terceiro eixos. O episódio apresentado a seguir, exibe o modo como Ian, criança pertencente à Educação Infantil, vai se apropriando dos recursos fotográficos disponíveis no *tablet*. Vejamos:

Episódio 1: Ian descobre o *zoom*...

No momento em que realizava mais um de seus registros, Ian observa a tela mais atentamente e pergunta para a pesquisadora:

Ian: *Por que tem isso aqui?* (aponta para um dos recursos disponíveis na tela do dispositivo, que regula o zoom)

Pesquisadora: *É para você aproximar. Por exemplo: aponta para lá...*

Ian posiciona o *tablet* como se fosse realizar um registro.

Pesquisadora: *Agora vai... Faz... Sobe. (incentiva-o a deslizar o dedo pelo regulador) Olá, tá vendo?* (a tela aproxima a imagem)

Ian: *Ahhhh, tá...* (diz movimentando o zoom, aproximando e distanciando a imagem presente na tela do dispositivo)

Pesquisadora: *Entendeu?*

Ian: *Sim. Agora...* (posiciona o *tablet* como se fosse fotografar algo, mas, não realiza nenhum registro, apenas fica testando o zoom)

Pesquisadora: *Entendeu agora?*

Ian: *Simm...* (muda de posição) *Ah, acho que vou ver lá.*

Como o menino não realizava nenhum registro, a pesquisadora diz:

Pesquisadora: *Se quiser tirar foto, tira; pode tirar foto assim também* (sugere, suspeitando que o menino talvez não tivesse cogitado essa possibilidade).

Ian realiza um registro, ri e diz logo em seguida.

Ian: *Ah, chegou bem pertinho de lá.*



Fonte: Produzida por Ian

Após testar o zoom diversas vezes ao longo da sessão, Ian se aproxima de Vinícius, aumenta o zoom, focaliza o rosto do colega e diz rindo:

Ian: *Oiiii... Você tá me vendo muito?* (pergunta, como se o zoom fosse bilateral)

Após realizar um registro do colega, abaixa o dispositivo, olha ele e pergunta:

Ian: *Você me viu muito?*

A pesquisadora, então, explica:

Pesquisadora: *Ele não te ver assim de pertinho, só você que pode vê-lo assim de perto, Ian.*

Ian parece não prestar atenção em sua explicação.

Ian volta a utilizar o zoom para ver outro colega e ao vê-lo na tela do *tablet*, começa a rir e diz:

Ian: *Eu to te vendo bem de pertão!*

A descoberta do zoom por Ian e sua empolgação demonstrada nos momentos em que o utilizava, permitiu perceber os modos como o menino foi aos poucos se

apropriando dos recursos disponíveis no dispositivo. Sua curiosidade e o encorajamento implícito nas perguntas e no manuseio do *tablet*, o fizeram explorar a ferramenta de maneira ousada e destemida; assim, o aparelho se tornou um brinquedo em suas mãos e a cada novo conhecimento, realizava testes se divertindo em meio aos colegas.

O episódio a seguir destaca uma prática que se tornou bastante frequente entre as crianças da Educação Infantil: fotografar as mochilas dos colegas. A maioria das crianças encontrou nesses registros um meio de expressar seus sentimentos; atentemos ao que Nico e Giulia nos contam sobre suas escolhas.

Episódio 2: *Eu me emociono.*

Pesquisadora: *E das mochilas, Nico, por que você está tirando foto?*

Nico: *Porque sim* (diz concentrado em seus registros).

Pesquisadora: *Você acha as mochilas bonitas?*

Nico: *Mais ou menos.*

Pesquisadora: *E por que você está tirando foto delas?*

Nico: *Eu me emociono.*

Giulia também expressa seus sentimentos:

Episódio 3: *A Vitória tá aqui, ó...*

Pesquisadora: *E das mochilas, por que você está tirando foto?*

Pergunta enquanto a menina segue admirando as mochilas pela tela do dispositivo. Giulia só responde após essa operação.

Giulia: *É porque eu amo a Vitória.* (retorna o caminho percorrido até a mochila da amiga) *A Vitória tá aqui, ó...* (fotografa a mochila)



Fonte: Produzida por Aline

Giulia justifica o registro fotográfico apoiada no amor que sente pela amiga Vitória. No entanto, só realiza o registro motivada pela pergunta da pesquisadora. Esta, então, continua:

Pesquisadora: *Vitória? Quem é Vitória?*

Giulia: *A minha amiga. Essa daqui é a mochila dela. (aponta para a mochila) Essa daqui, ó.*

Nico e Giulia atribuíram às mochilas aquilo que sentiam por seus amigos. Suas escolhas foram criteriosas e claramente envolviam o valor da amizade, do carinho e do respeito por aqueles que ocupam lugar especial em suas vidas. Nico não soube explicar esses sentimentos, mas, diante do que disse: *Eu me emociono*, é bem possível que tivesse consciência ou se tornando consciente sobre o que sentia ao ver as mochilas de seus colegas. A opção pelos registros não diz respeito aos objetos em si, mas àquilo que eles representam para cada uma dessas crianças.

Considerações Finais

Neste trabalho procuramos apresentar episódios que evidenciassem o papel do *tablet* tanto nos processos de apropriação de recursos fotográficos disponíveis nesta ferramenta, quanto nas contribuições deste instrumento para registro das (re)significações de crianças pequenas no contexto escolar. No tocante à aquisição do patrimônio cultural, observamos que atividade com o *tablet* possibilitou que Ian se apropriasse do instrumento tecnológico ao mesmo tempo em que colocava em movimento funções psicológicas superiores, denominadas por Vigotski como funções tipicamente humanas, resultantes da interação do homem com o mundo por meio de instrumentos construídos ao longo da história da humanidade.

Para se apropriar do instrumento, Ian precisou, por exemplo, mobilizar funções como observação e atenção voluntárias (quando observou mais atentamente a tela do dispositivo e prestou atenção às orientações e ensinamentos da pesquisadora), comportamento intencional (quando decidiu testar o zoom fotografando os colegas), linguagem (quando realizou perguntas sobre o dispositivo e justificou suas escolhas) imaginação (quando narrou suas histórias e criou possibilidades de registros), entre outras – todas mobilizadas pelo uso da tecnologia. Nico e Giulia, assim como Ian, também põem em movimento essas funções; no caso deles, ressaltamos de maneira especial a imaginação e o pensamento abstrato, quando atribuem às mochilas aquilo que sentem por seus amigos. Com esses episódios, apresentamos um recorte de pesquisa em desenvolvimento que objetiva compreender como recursos digitais podem contribuir para (re)significações produzidas pelas crianças sobre suas experiências escolares.

Referências

ANJOS, Cleriston I. dos; FRANCISCO, Deise Juliana, Educação Infantil e Tecnologias Digitais: Reflexões em tempos de Pandemia. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 23, n. Especial, p. 125-146, jan./jan., 2021.

BRITO, Rita. Estilos de mediação do uso de tecnologias digitais por crianças até aos 6 ano. **Invest. Práticas**, Lisboa, v.8, n. 2, p. 21-46, set. 2018.

BUCKINGHAM, D. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2007.

CARVALHO, Fernanda Beatriz da Costa Miranda de; LIMA, Cristhiane Pereira de; DUTRA, Alessandra; ROSA, Vanderley Flor da; OLIVEIRA, Jair de. Uso de recursos podcast e webquest no estudo do tema avaliação na educação infantil . **Texto Livre**, Belo Horizonte-MG, v. 11, n. 2, p. 192–205, 2018.

CHACÓN, José P.; REGUEIRO, Patricia D.; ALONSO, Ángel S. M., Dilemas y preocupaciones de las familias sobre el uso de recursos educativos digitales en la etapa de la Educación Infantil. **Digital Education Review**, N. 41, p. 93-113, 2022.

JIMÉNEZ, Carmen R.; NAVAS-PAREJO, Magdalena R.; CAMPOY, Juan Miguel F., Los docentes de la etapa de educación infantil ante el reto de las TIC y la creación de contenidos para el aula. **Revista Interuniversitaria de Formación del Profesorado. Continuación de la antigua Revista de Escuelas Normales**, [S. l.], v. 33, n. 1, 2019.

NUNES, Andrea Karla Ferreira; SANTOS, Vinicius Silva; SANTOS, Jacques Fernandes; DA SILVA, Camila Gomes Santos. Narrativas digitais e ciberliteratura infantil: Uma experiência-formativa com crianças na segunda infância. **Educação**, [S. l.], v. 44, n. 1, p. e34107, 2021.

SÁNCHEZ VERA, María del Mar; SOLANO FERNÁNDEZ, Isabel María; RECIO CARIDE, Salomé. El storytelling digital a través de vídeos en el contexto de la Educación Infantil. **Pixel-Bit. Revista de Medios y Educación**, [S. l.], n. 54, p. 165–184, 2018.

SANTOS, Thaís A. S.; REZENDE, Kátia Terezinha A.; SANTOS, Ione F.; TONHOM, Silvia F. da R., O acesso a tecnologias pelas crianças: necessidade de monitoramento. **RISTI**, N.º 38, 09/2020.

TENA, Rosalía R.; CEJUDO, Carmen L.; RODRÍGUEZ, Antonio P., Competencias Digitales Docentes desarrolladas por el alumnado del Grado en Educación Infantil: presencialidad vs virtualidad. **EduTec, Revista Electrónica de Tecnología Educativa**, [S. l.], n. 76, p. 109–125, 2021. DOI: 10.21556/edutec.2021.76.2071.

TENA, Rosalía R.; GUTIÉRREZ, María P.; CEJUDO, Maria del Carmen L., Technology use habits of children under six years of age at home. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.27, n.103, p. 340-362, abr./jun. 2019.